



ARMANDO, EPISCOPUS ANGRENSIS

Diocese de Angra

*Homilias – Mensagens – Comunicados – Reflexões - Notas
Pastorais – Decretos – Nomeações – Provisões – Cartas Pastorais*

HOMILIA DO BISPO DE ANGRA CELEBRAÇÃO DE RENOVAÇÃO DAS PROMESSAS SACERDOTAIS

Igreja Matriz de São Sebastião, Ponta Delgada | 14 de abril de 2025

OLHOS FIXOS NA ESPERANÇA

Na sinagoga, "*todos tinham os olhos fixos em Jesus*" (Lc 4,20). Podemos visualizar a cena: todos em silêncio, os olhares dirigidos para Jesus, talvez num misto de expectativa e desconfiança. Era de Nazaré como eles, era conhecido e de família da terra. E Jesus diz-lhes: "*cumpriu-se hoje mesmo esta passagem da Escritura*". Já podia sentar-se. A vida diria o resto! Sabemos, porém, como acabou o relato evangélico: primeiro, diz Lucas, "*estavam maravilhados*", mas, depois de Jesus ter **desmascarado** as falsas expectativas dos seus contemporâneos, eles "*ficaram cheios de indignação*" (Lc 4,28), saíram e expulsaram-no da cidade. Os seus olhos tinham-se fixado em Jesus, queriam seguir uma **imagem do Messias e não o Messias**. Admiravam Jesus, mas não estavam dispostos a nada. Assim, perderam a oportunidade do momento. Lembram a dicotomia entre a entrada gloriosa em Jerusalém e, dias depois, os gritos: "*à morte*"!

Esta eucaristia em antecipação da missa crismal na catedral tem um significado especial: nela o Bispo concelebra com os seus presbíteros, os sacerdotes renovam as promessas feitas no dia da sua ordenação e a Igreja redescobre a sua vocação sacerdotal. É uma das principais manifestações do sacerdócio ministerial do Bispo e um sinal da estreita união dos sacerdotes com ele e entre si. Mostra a Igreja, corpo organicamente estruturado de Cristo, que nos seus vários ministérios e carismas exprime, pela graça do Espírito Santo, os dons de Cristo à sua esposa peregrina no mundo. É uma verdadeira celebração do sacerdócio ministerial no seio de todo o povo sacerdotal e convida à nossa gratidão a Cristo, o "ungido". Saúdo todos vós que aqui estais, unidos a mim pelo ministério.

Caros padres, sabemos o que é sentir os olhos fixos em nós. Não só nas homilias... São olhares de expectativa por uma palavra nova, palavra que traga esperança porque vem de alguém "ungido". Na verdade, fomos ungidos em primeiro lugar para sermos evangelizadores, anunciadores da Esperança que é Cristo. A cena da sinagoga continuará nas ruas e caminhos da vida futura de Jesus e também na nossa. As multidões de pobres, de cativos, de cegos e oprimidos continuarão ansiosamente à espera desse ano da graça do Senhor, esse Jubileu que os há-de libertar. Todos os que buscam a Deus, precisam da proximidade do seu coração.

Conhecemos todos a felicidade de um doente que visitamos e com quem falamos. Só o poderem fixar em nós o olhar já é alegre notícia, um sinal de esperança na vida eterna. **Algo se cumpre**, como dizia Jesus.

Quando preparamos ou administramos qualquer sacramento há uma porta de eternidade que abrimos; quando celebramos a Eucaristia há muitos olhos que se abrem ao Mistério de Deus; quando distribuimos a Palavra e o Corpo de Cristo há muitos coxos que recobram forças e presos que se libertam. Há esperança em tudo o que é o nosso ministério se deixarmos atuar Jesus em nós. A esperança cristã é firme e «não engana» nem derrapa porque está assente no «amor de Deus que foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado». (Rm 5,5). Os nossos gestos ao longo do caminho, como os de Jesus, são importantes e dizem “quem somos”.

Mas, atenção! Não foi fácil para os conterrâneos de Jesus nem o foi para os discípulos aceitar a palavra "desmascaradora" que o Senhor mostrou na Sinagoga. Pedro não queria deixar lavar os pés e, durante a Ceia, ouviu ainda: "Três vezes me negarás" (Mc 14,30). Na hora certa, "perdeu Jesus de vista" e negou-o ao cantar do galo. Só depois, quando "o Senhor se voltou e olhou" para ele, "*se lembrou da palavra que o Senhor lhe tinha dito* ... E, saindo, chorou amargamente" (Lc 22,61-62). As palavras e os gestos de Jesus durante anos não tinham afastado Pedro das suas expectativas, semelhantes às do povo de Nazaré: também ele esperava um Messias político e poderoso, forte e decidido, e perante o escândalo de um Jesus fraco, preso sem resistência, declara: "Não o conheço!" (Lc 22,57). E é verdade, ele não o conhecia: começou a conhecê-lo quando, na escuridão da negação, deu lugar às lágrimas da vergonha, às lágrimas do arrependimento. E conhecê-lo-á mais tarde, quando, "contrariado por Ele lhe ter perguntado pela terceira vez: "Amas-Me?", se deixou atravessar pelo olhar de Jesus. Então, de "não o conheço", passa a: "**Senhor, tu sabes tudo**" (Jo 21,17).

Somos isto. Somos homens necessitados deste olhar de Jesus. Já o vimos quando fomos chamados, vocacionados, unguídos, enviados, feitos e refeitos pela sua graça. Estamos, como Pedro, a ser cada dia moldados por Aquele que vê as nossas lágrimas de arrependimento, que “sabe tudo” de nós, mas aponta sempre caminhos novos. Pedro não era João nem era como Paulo. Ninguém de nós é como o outro.

Pedro Abrunhosa falava há dias do que o influenciou na sua busca de Deus. Nascido numa família de mãe crente e pai agnóstico dizia ter sido o pai que lhe falou da Bíblia, mas que mais importante tinha sido o testemunho do amor visível, diário, comovente, de dedicação um ao outro, puro ‘Cântico dos cânticos’ entre os pais. “Essa relação fez-me entender que o diálogo entre pessoas que veem Deus de maneira diferente é profundamente reveladora do que é o amor, porque na realidade nós não temos que ser iguais na fé, não temos que ser iguais nas convicções interiores, temos que ser iguais nos valores, na prática”. Perguntaram-lhe qual era a “força” do Papa Francisco. Respondeu: “a sua força é a diferença”. “Precisamos de Francisco. **Como agnóstico**, gostava de ver a Igreja a continuar o trabalho notável de aproximação aos homens. O mundo precisa muito de poesia, e o mundo precisa muito de Deus”, finaliza.

A proximidade é o “**estilo de Deus**”. É também, como recorda o Papa Francisco, “a estrada mestra para levar Deus aos homens e às mulheres do nosso tempo. A partir dos pobres e dos últimos”. Mas esta proximidade exercita-se em primeiro lugar na família, para nós, no presbitério!

Nouwen, um conceituado mestre de espiritualidade do século XX no seu livro "Sentir-se amado", recorre aos verbos usados na história da instituição da Eucaristia: **tomar, abençoar, partir e dar**. "Estas palavras", escreve ele, "resumem a minha vida de sacerdote, porque todos os dias, quando me reúno à volta da mesa com os membros da minha comunidade, **tomo o pão, abençoo-o, parto-o e dou-o**. Estas palavras resumem também a minha vida de cristão, porque, como cristão, sou chamado a tornar-me pão para o mundo: pão que se toma, se abençoa, se parte e se dá" (pp.41-42). Quantas vezes nos sentimos partidos: há desilusões, desânimos, medos, frustrações. O Beato António Chevrier (1826-1879) dizia: "*É preciso tornar-se bom pão. O padre é um homem para ser comido*"! **Somos tomados/escolhidos, abençoados e partidos para sermos dados.**

No final da sua autobiografia, "Esperança" o Papa serve-se da página evangélica das bodas de Caná para nos animar nos momentos de temor e de angústia: "pensai naquele episódio e dizei a vós mesmos: o melhor vinho ainda está por servir!". Francisco convida-nos a agarrarmo-nos à âncora da esperança porque "a realidade mais profunda, mais feliz, mais bela, para nós mesmos, para quem amamos, está para chegar" e lembra-nos os versos de Hikmet, "o mais belo dos mares é aquele que ainda não navegámos; o mais belo dos nossos filhos ainda não nasceu; os mais belos dos nossos dias ainda não os vivemos; e ainda não te disse a coisa mais bela que gostaria de te dizer". (cf. Esperança, p. 336-337)

A frase "O melhor vinho está ainda por servir" pode aplicar-se tanto às Bodas de Caná como à Última ceia e, por isso, lembra-me ainda o filme "*Dos Homens e dos Deuses*" que relata o martírio de setes monges trapistas de Tibhirine na Argélia, em 1996. Podiam desistir, mas ficaram. Escolheram viver até ao fim na gratuidade do amor, como sinal de comunhão e harmonia com os irmãos muçulmanos. A cena mais crucial é quando pouco antes da chegada dos fundamentalistas islâmicos que os raptaram e assassinaram: os irmãos estão à volta da mesa. Uma última ceia. Abrem uma garrafa de vinho, enviada pelos familiares juntamente com outras prendas para celebrar a Páscoa. Enchem os copos e bebem em silêncio. Sabem que é o último vinho... o vinho da entrega. Nos olhos humedecidos brilha a esperança da Páscoa, a única força da história perenemente subversiva.

Obrigado, queridos sacerdotes, obrigado pelos vossos corações abertos e dóceis; obrigado pelos vossos trabalhos e obrigado pelas vossas lágrimas; obrigado porque levais a maravilha da misericórdia. Perdoai sempre, sede sempre misericordiosos uns para com os outros e para com todos. Levai esta misericórdia, levai Deus aos irmãos e irmãs do nosso tempo. Queridos sacerdotes, que o Senhor vos conforte, vos confirme e vos recompense. A nossa esperança é **Cristo nosso Senhor. Santa Semana, caríssimos irmãos e irmãs!**

+ Armando, Bispo de Angra